

CONFIGURAÇÃO DOS RAMOS, DIRETOS E INDIRETOS, DO ARCO AÓRTICO NO FURÃO (*Galictis cuja* Linnaeus, 1758 – Carnivora: Mustelidae)

Tiago Xavier Vieira¹
Gilberto Valente Machado²
Lucio Flávio Sleutjes³
machadogv@yahoo.com.br

ÁREA DO CONHECIMENTO: Ciências Agrárias

PALAVRAS-CHAVE: Artérias; Arco aórtico; *Galictis cuja*.

INTRODUÇÃO

O furão (*Galictis cuja*), conhecido no Brasil pelos nomes de furão, furão-pequeno, aracambé, é um mamífero carnívoro, da família *Mustelidae*, ocorre em quase toda a porção sul da América do Sul, desde o sudeste do Peru até o sul da Argentina, e ocupa grande parte da região sul, sudeste, nordeste e centro-oeste do Brasil. Possui características em comum com outros membros da família *Mustelidae*, tais como corpo alongado e esguio, pescoço longo, com uma cauda comprida e membros curtos. Pode medir entre 27 e 52 cm de corpo, mais a cauda, que pode medir até 19 cm. Pesa até 2,5 kg. Grande parte do seu corpo (topo da cabeça, dorso e membros pélvicos) é coberta por um pelo acinzentado; já a face, a parte ventrolateral do tronco e os membros torácicos são cobertos por pelos pretos ou cinza-escuro. São animais de hábitos diurnos, apesar de também apresentarem um certo grau de atividade noturna. Frequentemente são vistos em pares ou em pequenos grupos, comunicam-se por vocalizações diversas e escondem em buracos em troncos ou sob pedras, além de cavarem seus próprios buracos. Alimentam-se de pequenos mamíferos, aves, répteis, anfíbios e ovos; eventualmente podem pregar animais maiores que eles. Os principais predadores do furão são o lobo-guará, as jaguatiricas, o gato-mourisco e outros pequenos felinos. Possuem dois pares de glândulas mamárias e podem dar à luz até cinco filhotes, geralmente parindo dois. Os pais caçam juntos enquanto os filhotes estão sendo criados. Os filhotes se desenvolvem rapidamente, atingindo o tamanho adulto em poucos meses. É possível avistar pequenos grupos compostos por pai, mãe e filhotes de porte adulto. As principais ameaças à espécie são a caça, conflito com animais domésticos, perda de habitat, atropelamentos e incêndios. Visando o interesse da anatomia comparativa, bem como oferecer bases anatômicas para discussões do ponto de vista funcional voltadas para a espécie, busca-se, com a presente descrição, oferecer dados relativos ao padrão adotado pelos ramos do arco aórtico. Dados semelhantes são encontrados na literatura, porém relacionados aos carnívoros domésticos, como em Schwarze & Schroder (1972), Evans & Christensen (1979) e Schummer *et al.* (1981).

METODOLOGIA

¹ Graduando em Medicina Veterinária / Faculdade Vértice.

² Graduado em Medicina Veterinária, mestre e doutor em Anatomia dos Animais Domésticos e Silvestres. Professor e Coordenador do curso de Medicina Veterinária da Faculdade Vértice.

³ Graduado em Fisioterapia, mestre em motricidade e doutor em cinesiologia. Professor e Diretor Geral da Faculdade Vértice.

Foi utilizado um exemplar adulto, macho, encontrado em óbito às margens da rodovia BR 116, no km 431, e disponibilizado pela Polícia Militar Ambiental para pesquisas no Laboratório de Anatomia Animal da Faculdade Vértice / Matipó / MG. O espécime teve o seu sistema cardiovascular injetado com solução corada de Neoprene látex*, buscando evidenciar assim os territórios de distribuição, irrigação e drenagem, dos seus vasos sanguíneos; em seguida procedeu-se a sua fixação, mediante injeções de solução aquosa de formol a 10% e imersão em tanque contendo a mesma solução. As presentes observações foram realizadas após dissecação da cavidade torácica, com ênfase no arco aórtico e seus ramos, diretos e indiretos, seguida da elaboração de esquemas e registros fotográficos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Do arco aórtico do furão (*Galictis cuja*) surgem o tronco braquiocefálico e a artéria subclávia esquerda, nessa ordem. O tronco braquiocefálico, após trajeto cranial relativamente longo, emite a artéria carótida comum esquerda e, em seguida, a artéria carótida comum direita, convertendo-se na artéria subclávia direita. Esta última emite, como primeiro ramo, a artéria vertebral direita e, bem junto a esta, a artéria costocervical direita; na sequência, emite a artéria torácica interna e a artéria cervical superficial, convertendo-se na artéria axilar direita, que cruza a margem cranial da primeira costela e se destina ao membro torácico homolateral. A artéria subclávia esquerda, após sua origem diretamente do arco aórtico e um longo trajeto cranial, envia, como primeiro ramo, a artéria torácica interna; em seguida emite a artéria vertebral esquerda e, na sequência, as artérias costocervical e cervical superficial; após cruzar a margem cranial da primeira costela, converte-se na artéria axilar esquerda. Cotejando-se estes achados aos relatos de Evans & Christensen (1979), assim como os de Schwarze & Schroder (1972) e Schummer *et al.* (1981), reportando-se aos carnívoros domésticos, observam-se diferenças sutis relativas à ordem de emergência dos ramos secundários, entretanto, confirmaram-se esses mesmos ramos no presente relato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O padrão de origem, assim como a ordenação e disposição dos ramos arteriais no mediastino cranial (pré-cordial) do furão (*Galictis cuja*) não se assemelham àqueles dados relatados, por outros autores, nos carnívoros domésticos, suscitando assim discussões relevantes do ponto de vista funcional.

REFERÊNCIAS

EVANS, H.E.; CHRISTENSEN, G.C. **Miller's anatomy of the dog**. 2ed. Philadelphia: W.B. Saunders, 1979, p. 652-692.

SCHUMMER, A. et al. **The circulatory system, the skin, and the cutaneous organs of the domestic mammals**. In: NICKEL, R.; SCHUMMER, A.; SEIFERLE, E. **The anatomy of the domestic animals**. Berlin: Verlag Paul Parey, v. 3, 1981, p. 71-77.

SCHWARZE, E.; SCHRÖDER, L. **Compendio de anatomia veterinaria**. V. 3 **Aparato circulatorio y piel**. Zaragoza: Acribia, 1972, p. 32-39.